

A Representação Feminina no filme Capitã Marvel (2019): um estudo de caso a partir da pesquisa de opinião

Thayline de Freitas Bernadelli¹
Márcio José Pereira²

Resumo: A partir dos anos noventa, um número crescente de filmes, desenhos animados e quadrinhos, cujas personagens centrais são do sexo feminino, apresentam mulheres decididas, fortes e, por vezes, dotadas de poderes extraordinários. Apesar disso, a representação das mulheres também contempla outros estereótipos, como aqueles que envolvem os romances e desembocam em cenas envolvendo conquistas e sofrimento, caracterizada pela união entre a heroína e o galã. O filme *Capitã Marvel* (2019) procura romper com esse cenário, por apresentar uma personagem com uma personalidade forte e questionadora, que não necessariamente busca um relacionamento. Este artigo buscou analisar as representações da heroína Capitã Marvel para o público em geral, através de uma pesquisa exploratória de caráter quantitativa e qualitativa, por meio da aplicação de um questionário online, divulgado nas redes sociais para propagar a pesquisa e alcançar participantes. Consideramos o cinema uma instituição que possui a capacidade de perpetuar ou romper com padrões de gênero, pois utiliza as imagens como representações, assim sendo, é importante investigar as representações para aprendermos a resistir à sua influência e dominação, e subverter esses padrões. Posto isso, apontamos o filme *Capitã Marvel* (2019), enquanto importante representante feminino dos papéis das mulheres no cinema e na luta pela equidade de gênero.

Palavras-chave: Capitã Marvel; Feminismo; Representação Social.

¹Mestranda em História na linha de pesquisa "História, Cultura e Política". Universidade Estadual de Maringá. E-mail: thay_linefreitas@hotmail.com

²Doutor. Departamento de História da Universidade Estadual do Paraná Campus de Campo Mourão. E-mail: marcio.pereira@unespar.edu.br

A indústria do cinema foi por muito tempo dominada por homens, os quais moldaram a figura da mulher por e para eles, assim, a imagem feminina era apenas objeto de apreciação masculina. Logo, os estereótipos femininos foram sendo introjetados a partir de cenas que se desdobravam tendo as mulheres em papéis subalternos e coadjuvantes, grosso modo, as mulheres interpretavam apenas papéis passivos, secundários, dando suporte para protagonistas masculinos. O cinema na década de 1960 e 1970 foi responsável pela ampliação e sexualização da mulher, vinculando uma imagem feminina que não possuía autonomia, submissa ao homem e fetichizada.

Os estereótipos femininos continuaram a ser reproduzidos sem grandes alterações até a terceira onda feminista, na década de 1980, quando se buscava uma desconstrução dos estragos feitos pela mídia em relação às mulheres. Ainda que de forma tímida, a imagem da mulher nas telas começava a mudar, surgiam personagens fortes que tencionavam os papéis tradicionais de gênero³ e aparecem como protagonistas das tramas cinematográficas.

Aos poucos, a representação feminina foi deixando as princesas, as “patricinhas” fúteis e as donas de casa, em suma, personagens que só se ocupavam com a vida doméstica e o cuidado com a beleza e foram dividindo as telas com mulheres fortes, protagonistas heroínas que possuem responsabilidades, habilidades e princípios antes reservados aos homens. De acordo com Mendes e Siqueira “O protagonismo invocado pelas heroínas seria uma tentativa de subverter a lógica do herói masculino e da princesa em perigo, abrindo novas possibilidades de representação” (2018, p. 130).

De acordo com Machado (2006), a mídia é uma das principais geradoras e/ou impulsionadoras das imagens que regem a vida social contemporânea, já que

³ O conceito de gênero é aqui abordado tal como Teresa de Lauretis (1994), o entende: o gênero como uma representação e uma construção social, uma categoria que representa não um indivíduo, mas uma relação social. É um produto, que através de tecnologias como, o cinema, a literatura, a TV, normatizam a conduta das mulheres e as insere em padrões comportamentais inflexíveis.

possibilitam o acesso à informação de formas variadas. Portanto, são linguagens diversas que se destinam a públicos de perfis variados.

Organizações cinematográficas de Hollywood, por exemplo, representam muito mais do que banais fontes de diversão, são fontes substanciais de divulgação de costumes e sistemas de ideias, com métodos de persuasão artificiosos já que não trabalham com a força bruta ou com a repressão, mas com o divertimento. Configura-se, por conseguinte, uma das principais tecnologias de poder existentes na atualidade (Machado, 2006).

Atualmente, muitos filmes têm se caracterizado pela inclusão de imagens inovadoras acerca das mulheres. Na reflexão de Denise Jodelet (2001), as representações sociais são importantes, pois servem-nos de orientações para a compreensão e para a construção da realidade, além disso, para ela, os meios de comunicação constituem um dos locais de circulação das representações cotidianas, visto que estão presentes nos discursos e são transmitidos em mensagens e imagens midiáticas. “A comunicação social, sob seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, aparece como condição de possibilidade e de determinação das representações e dos pensamentos sociais” (Jodelet, 2001, p. 30).

O *Marvel Studios*, em 2018, comemorou dez anos de Universo Cinematográfico (UCM) coroando a trajetória de seus filmes até então. Este marco, entretanto, também simbolizou a perpetuação de narrativas heroicas limitadas, protagonizadas sempre por um homem branco, heterossexual. Enquanto nomes como Thor, Capitão América, Homem de Ferro se tornavam o rosto do UCM com filmes solo, a primeira produção com uma protagonista feminina aguardou essa década para ser concebida pelo estúdio. As heroínas nos filmes da Marvel foram limitadas a aparições pequenas e com pouca importância para a trama central. Em casos mais específicos como a Viúva Negra, a hiperssexualização dos quadrinhos foi transferida para os cinemas, utilizada apenas como interesse romântico ou distração.

Nosso objeto neste artigo, o filme *Capitã Marvel* (2019), abriu inúmeros questionamentos sobre o empoderamento feminino, sobre a força das mulheres e uma outra representação da mulher. Carol Danvers possui uma personalidade forte e questionadora, que não busca necessariamente um relacionamento, diferenciando-se assim de representações de mulheres sempre à procura de um par romântico. No início do longa, nos deparamos com a protagonista sendo aconselhada a conter seus poderes, mesmo sendo a heroína mais forte do Universo Marvel, mas não nos recordamos de momentos em que outros personagens masculinos da Marvel foram orientados a ser mais contidos. Assim, a personagem está constantemente lutando contra os estereótipos de gênero.

Metodologicamente optamos pela pesquisa online quantitativa, realizando a captação de respostas através do Google Forms, uma vez que, a ferramenta é gratuita, intuitiva e nos permitiu um maior alcance, não nos limitando geograficamente. Os dados obtidos permanecem armazenados e podem ser automaticamente analisados através de gráficos gerados pela própria plataforma ou editados pelos autores, tal qual, nosso caso. em um contexto mais amplo, as condições prévias para a pesquisa online incluem a habilidade de utilizar recursos computacionais de maneira abrangente, experiência com o uso de computadores e software, bem como acesso à internet, tanto por parte dos pesquisadores quanto dos participantes.

Além dessas pré-condições, podemos ir além, ao dialogar com o sociólogo Uwe Flick (2009), experiente autor no que tange às pesquisas quantitativas e qualitativas, o mesmo destaca duas outras pré-condições de grande importância: a consideração de se a pesquisa pode ser realizada exclusivamente online e a necessidade de possuir conhecimentos prévios sobre pesquisa qualitativa antes de aplicá-los à pesquisa na internet. Embora essa abordagem simplifique consideravelmente o trabalho do pesquisador devido à sua praticidade, redução de custos e otimização do uso do tempo, permitindo acesso a um público mais amplo e superando limitações geográficas, ao

mesmo tempo é importante lembrar que o acesso à internet ainda não é universal e que esse tipo de pesquisa é muitas vezes visto com desconfiança pelos participantes, devido a preocupações relacionadas à confidencialidade das respostas e à ausência de contato pessoal, o que pode comprometer a espontaneidade, uma característica fundamental da pesquisa qualitativa.

A internet desempenha um papel dual na pesquisa, servindo tanto como um espaço para a coleta de dados quanto como um objeto de investigação em relação às suas próprias características. Portanto, pode ser empregada tanto em pesquisas quantitativas, que predominam na análise de números e experiências dos usuários, quanto em pesquisas qualitativas, que estão em crescimento na internet e focam na análise do conteúdo textual trocado pelos usuários, geralmente com o objetivo de entender quem são os usuários, como utilizam a internet e as variações dentro de diferentes grupos sociais.

A abordagem foi qualitativa, os dados foram coletados através das respostas obtidas no formulário que ofertamos na internet, permitiu-nos entender sobre a recepção do longa metragem da super-heroína tal qual propusemos nos objetivos. Esboçamos um desejo de elencar análises qualitativas, mas na impossibilidade de fazer um estudo empírico acompanhando pessoas as sessões de cinema e entrevistando-as, fizemos algumas questões em que os entrevistados pudessem escrever abertamente, porém, esse foi o nosso limite.

O tema pelo qual nos debruçamos se relaciona ao estudo das representações da heroína Capitã Marvel para o público em geral. Nossos objetivos foram o de compreender em que medida o público que assistiu *Capitã Marvel* (2019) o relaciona com o feminismo e suas implicações para o contexto atual e pesquisar a opinião a respeito da importância de séries e filmes de super-heróis protagonizados por mulheres; bem como a relevância das crianças crescerem diante dessas histórias.

O filme *Capitã Marvel* (2019)

O universo dos super-heróis constitui uma das culturas mais rentáveis do cinema, o *Marvel Studios*, por exemplo, já totalizou vinte e dois bilhões de dólares em treze anos⁴. Ampliar a representatividade e a diversidade dos personagens auxilia na consolidação da empresa como um dos principais nomes da indústria do entretenimento do século XXI. Cada vez mais os personagens presentes nos longas do Estúdio são desenvolvidos para agregar outros públicos. Durante dez anos, permaneceu nos filmes de super-heróis uma hegemonia de homens, brancos e héteros, quebrada em 2018 com *Pantera Negra*, interpretado por um homem negro, e, mais tarde, com *Capitã Marvel* (2019), uma heroína que luta em roupas condizentes com a ação que exerce longe de uma abordagem sexualizada; não precisa de um interesse romântico para desenvolver sua história e interage no longa com outras personagens mulheres. Além disso, a produção é cheia de referências femininas em sua trilha sonora e figurinos.

Capitã Marvel (2019), destaca-se como o primeiro filme solo de uma heroína da *Marvel Studios*. O longa é ambientado em 1990 e acompanha a trajetória da personagem Carol Danvers, interpretada pela atriz Brie Larson, uma mulher em busca da sua identidade e origem de sua força, que se tornou uma poderosa guerreira de elite da raça Kree, mas não possui lembranças do seu passado. Após ser capturada pelos Skrulls, ela acidentalmente cai na Terra e começa a ter pistas da sua real identidade. Ao passo que Carol vai se lembrando de sua origem, o longa vai nos mostrando as dificuldades e preconceitos que ela enfrenta desde pequena, como conviver com o irmão, que pode fazer coisas proibidas para ela, por ser mulher. Bem como, quando passa a ocupar cargos majoritariamente masculinos, como pilota da Força Aérea dos Estados Unidos (USAF).

⁴ Para mais informações ver: <https://www.boxofficemojo.com/>.

Dirigido por Anna Boden e Ryan Fleck, o longa foi lançado nos Estados Unidos no dia 8 de março de 2019, Dia Internacional da Mulher, e figurou como líder de bilheteria em quase todos os mercados internacionais na sua estreia, ultrapassando a marca de 1,1 bilhão na bilheteria mundial. É um filme estadunidense de super-herói baseado na personagem Carol Danvers da *Marvel Comics*, produzido pela *Marvel Studios* (MCU) e distribuído pela *Walt Disney Studios Motion Pictures*. Anna Boden é a primeira diretora feminina do MCU. O filme contou com uma equipe criativa composta pelo maior número de mulheres dentro de uma produção cinematográfica da Marvel. O contexto histórico dessa produção se dá com o governo Trump tendo implantado políticas de anti-imigração, dificultando o acesso à assistência médica, um verdadeiro retrocesso na garantia de direitos humanos básicos à população.

O filme resgata a história da personagem Carol Danvers, que teve sua primeira aparição nas histórias em quadrinhos em março de 1968, na revista *Marvel Super Heroes* nº13. Ela é apresentada no universo dos quadrinhos da Marvel como uma personagem secundária das histórias do Capitão Marvel (um super-herói com quem ela trabalha, como chefe de segurança de uma base aérea dos Estados Unidos), vivendo várias situações de perigo e romance, sempre salva pelo super-herói alienígena, trazendo um padrão que sempre colocava as mulheres em função dos personagens masculinos nas narrativas. Porém, em janeiro de 1977, a personagem ganha a sua história solo.

A caracterização física de Carol Danvers é de uma mulher que se encaixa em um padrão norte-americano de Hollywood, a personagem é uma mulher branca, possui cabelo loiro e liso, magra, se assemelha fisicamente à personagem nos quadrinhos. A protagonista não foge da zona de conforto e reforça um estereótipo de beleza, largamente difundido no cinema e em outras produções audiovisuais.

Juliana Pieve de Souza (2021), ressalta que todas as roupas, incluindo o uniforme de combate de Carol Danvers, apresentam características mais funcionais,

confortáveis, que permitem que a personagem possa realizar as atividades necessárias no filme. O seu uniforme de combate, que é a roupa que Carol mais utiliza ao longo do filme, não é muito justo no corpo e nem apresenta decotes, ao contrário do que ocorreu com outras personagens, como a Viúva Negra, ou mesmo com a própria Carol nos quadrinhos.

Características do público em geral

Adentraremos a partir deste momento na análise da recepção do filme *Capitã Marvel* (2019), através da aplicação de um questionário online. Este artigo é resultado de um trabalho desenvolvido durante o Projeto de Iniciação Científica e buscou investigar as representações da heroína Capitã Marvel para o público em geral por meio de uma pesquisa exploratória, de caráter quantitativo e qualitativo com base na abordagem do sociólogo alemão Uwe Flick. Um dos nossos desafios foi interpretar e analisar os dados e captar a subjetividade das respostas quando eram questões abertas, também, nos preocupamos em ter uma amostragem com resultados ricos e detalhados, mas que não nos limitassem no sentido da generalização e permitissem que pudéssemos contextualizarmos adequadamente a partir dos resultados

O questionário foi divulgado nas redes sociais dos pesquisadores e em grupos de fãs da Marvel para propagar a pesquisa e alcançar participantes. Foram obtidas 501 respostas no período de 19 de abril de 2021 a 20 de junho de 2021. Os participantes poderiam responder as perguntas anonimamente, ao todo foram 28 questões, mas devido a volumosa quantidade de respostas, algumas serão analisadas em um trabalho posterior.

Nesse primeiro momento serão abordadas informações de caráter geral dos participantes, com o objetivo de delinear o perfil da amostra abarcada pelo questionário online. A maioria dos participantes era do estado do Paraná, totalizando 30,1%, e,

posteriormente, 21% do estado de São Paulo. Houve respostas de todos os estados do Brasil, mas em menor número. Dentre todas as 501 respostas do questionário, 278 (55,5%) foram de pessoas do gênero masculino. Em seguida, 215 (42,9%) de gênero feminino, 2 (0,4%) se identificam como homem transgênero, 4 (0,8%) preferiram não responder e 1 (0,2%) registrou a resposta como “Helicóptero Apache A480”, possivelmente refere-se a um boicote ao questionário.

A questão “Qual a sua faixa etária?” mostrou que o maior número de respondentes (41,5%) possui entre 18 e 24 anos. Logo após, 33,3% têm de 25 a 34 anos; 12,4% são pré-adolescentes e adolescentes de 12 a 18 anos; 10,2% possuem entre 35 e 44 anos; apenas 2,6% estão na faixa etária acima de 45 anos. Assim, é possível destacar que grande parte dos participantes possuem um perfil jovem e adulto, bem como a maior parte do público que consome produtos cinematográficos com a temática de super-heróis. Nesse sentido, no que concerne ao nível de escolaridade, a maioria, 29,9% é composta por universitários. Esse resultado pode ter sido influenciado pelo fato de que a pesquisa foi divulgada em grupos de fãs da Marvel e nas redes sociais dos pesquisadores, que também se encontram no meio acadêmico. Posteriormente, 22,2% possuem pós-graduação completa e 22% ensino superior completo. Em menor porcentagem, 12,6% têm o ensino médio completo e 7%, ensino médio incompleto. Ensino fundamental consta como 2,8%; curso técnico abrange 2,6% e 1% respondeu “nenhuma das anteriores”.

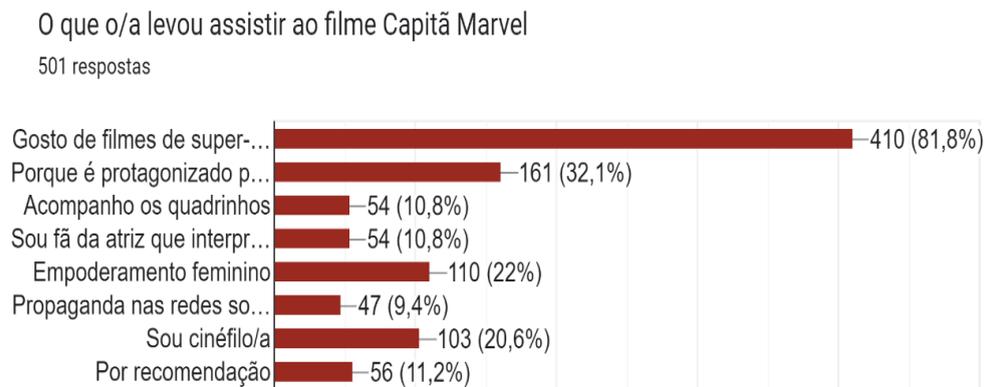
A respeito da cor dos respondentes, a maioria identificou-se como branco/a (62,5%); em seguida, 25,7% se denominam como pardo/a; 7,4% como preto/a; 2,4% identificam-se como amarelo/a; 1,2% se apresentam como indígena e 0,2% respondeu que não sabe. A última questão de caráter geral dos participantes “Qual a sua orientação sexual?” apresentou que a maior parcela dos respondentes (73,9%) é heterossexual; em seguida, aponta-se a orientação homossexual, com 10,4%; em terceiro lugar desponta a

orientação bissexual (6,6%); 3,2% preferiram não responder; 2,8% se identificou como pansexual; 2% não souberam responder e 1,2% se consideram assexual.

Impressões gerais sobre o filme *Capitã Marvel* (2019)

Neste segundo momento, será realizada a análise das questões relativas às impressões sobre o filme *Capitã Marvel* (2019). As pessoas que responderam o questionário e assistiram ao filme foram 486, e 15 pessoas não assistiram. Dentre as pessoas que assistiram, 279 foram ao cinema, é importante lembrar que o longa foi lançado em 2019, e 2020, começou a pandemia da Covid-19, então, provavelmente se o filme tivesse sido lançado durante ou após, os resultados seriam diferentes. Em seguida, 73 pessoas assistiram por meio de plataformas de streaming; 65 em sites de filmes; 42 fizeram download da internet; 25 pessoas viram na TV a cabo e 1 respondente viu através de DVD/Bluray. Somando o número de pessoas que assistiram ao filme através da internet, foram 180, isso se justifica pelo fato de que o consumo de mídia se transformou completamente ao longo da última década, no início do século, comprar filmes e músicas (ou piratear) era o padrão. Depois de 2010, isso mudou completamente com as plataformas de streaming e um crescente acesso à internet.

Gráfico 1 – Motivos para assistir ao filme



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

A indústria cinematográfica da atualidade aborda assuntos que impactam a visão do público a respeito de movimentos sociais, como o feminismo. A coleta de dados realizada em 2021 refletiu alguns desses impactos. Ao analisar o motivo de os entrevistados assistirem ao filme (ver o gráfico 1), as respostas de múltipla escolha mais apontadas foram: “Gosto dos filmes de super-heróis em geral” (81,8%). Parte desse público é fã extremamente fiel e envolvido com o universo de super-heróis e busca assistir a todas as produções lançadas, principalmente veiculadas à marca Marvel. Em seguida, 32,1% apontaram que assistiram porque é protagonizado por uma mulher. Diante disso, percebe-se a relevância de ter uma heroína que apresente uma outra representação da mulher, que não seja hiperssexualizada e tencione o machismo que perdurou por muitos anos nos filmes de super-heróis e no público que os consome. Além do mais, uma pesquisa realizada por Facebook Fandom Spotlight (2014)⁵ revelou que metade dos leitores de histórias em quadrinhos é feminino, conseqüentemente, o

⁵ Para mais informações acesse: <https://graphicpolicy.com/2014/02/01/facebook-fandom-spotlight-who-are-the-us-comic-fans-5/>.

número de mulheres que vai ao cinema aumenta, é importante que elas também se vejam representadas nas telas, não apenas se relacionem com representações de super-heróis homens, brancos e héteros. Posteriormente, 10,8% responderam que acompanham os quadrinhos e com o mesmo percentual também foi assinalada a opção de que são fãs da atriz que interpreta a personagem. Depois, 20,6% responderam que foram assistir por serem cinéfilos/as. Parte dos respondentes (9,4%) indicaram que foram assistir pela propaganda nas redes sociais e 11,2% por recomendação.

A terceira maior porcentagem (22%) revela que uma das motivações para assistir à *Capitã Marvel* (2019) foi o empoderamento feminino. Pensando nesse dado, vale ressaltar a afirmação de Sardenberg: “não existe um consenso quanto ao que venha ser empoderamento, tampouco no que se refere aos processos e ações que de fato contribuem nesse sentido” (2018, p. 17). Assim, devido ao fato de ser um conceito polissêmico, vamos nos ater a três definições: primeiro, de acordo com Silva e Bógus (2021), o empoderamento possui uma específica relação com o conceito de poder, pode ser entendido como a ação de conseguir poder e o ato de empoderar-se, pode ser compreendido como o exercício de tomar poder sobre si. Para Joice Berth: empoderar “é antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História” (2019, p. 23). Por último, a definição do termo pela ONU Mulheres (2016),

(...) dar ou adquirir poder ou mais poder. O empoderamento significa uma ampliação da liberdade de escolher e agir, ou seja, o aumento da autoridade e do poder dos indivíduos sobre os recursos e decisões que afetam suas próprias vidas. A pessoa empoderada pode definir os seus objetivos, adquirir competências (ou ter as suas próprias competências e conhecimentos reconhecidos), resolver problemas e desenvolver seu próprio sustento (Azevedo; Serpa, 2022, p. 1177).

A partir das considerações do que vem a ser empoderamento gostaríamos de destacar algumas cenas em que Carol se mostrou empoderada durante o longa. No começo do filme nos deparamos com o seu comandante, Yon-Rogg interpretado por Jude Law, persistindo para que a heroína controle seu poder, seus impulsos e sua emoção, com o intuito de que a mesma não alcance toda a sua força e conseqüentemente permaneça subjugada a quem está lhe controlando. Yon-Rog reiteradamente sustenta conhecer o que é melhor para ela, somente através dele, Carol conseguiria lidar com os próprios poderes. O pensamento de que o homem precisa estar no controle de tudo e todos está estritamente ligado ao patriarcado e se estende desde às famílias, às relações sexuais, trabalhistas e outras esferas (Garcia, 2015).

Caminhando para o final do longa dispomos de outra cena de confronto entre Carol e Yon-Rog, nesse momento a heroína já havia se libertado do controle a que estava submetida. Diante disso, seu comandante procura atestar qualquer superioridade e manifesta: “Estou orgulhoso de você. Você melhorou muito desde quando encontrei você aquele dia no lago. Mas você consegue reprimir suas emoções o tempo suficiente para me derrotar? Ou isso prejudicará você, como sempre? Sempre falei para você, estará pronta no dia que puder me derrotar como si mesma. Esse é o momento. Esse é o momento, Vers! Desligue o show de luzes, e prove, prove para mim, que pode me derrotar sem...”. À vista disso ela ignora suas provações e responde: “Não tenho que provar nada para você”. Deste modo, a heroína acaba por expressar um sentimento de liberdade, uma vez que, não possui mais essa obrigatoriedade. Carol readquiriu suas memórias, as quais haviam sido apagadas a fim de a controlarem para ser usada como arma quando necessário. Além disso, mesmo quando era apenas uma criança ela já se esforçava para ocupar um lugar que lhe não era permitido, posteriormente na Força Aérea, apesar de permitirem a presença de mulheres em atividades limitadas, Danvers teve que lutar ao lado de sua amiga para ser reconhecida na sua profissão. Assim sendo, o ato de não precisar provar nada ao Yon-Rogg também significa toda a sua luta no

decorrer da vida, seja como humana ou como super-heroína, ela sempre foi subestimada, mas agora possui a liberdade de escolher e a consciência de si mesma.

No decorrer do filme nos é apresentada frases que a personagem ouviu durante toda a sua vida, frases como “Você não pertence a esse lugar”; “Nunca deixarão você pilotar” ou “Você é uma boa piloto, mas muito emotiva”, alusões aos preconceitos que ela enfrenta desde criança por ocupar lugares tidos como “masculino”. Nas cenas finais, as imagens desses julgamentos voltam à tona, mas em uma conotação diferente. Carol está em uma luta com a entidade reguladora denominada Inteligência Suprema, a qual procurou subjugar a personagem, fazendo com que a mesma acreditasse que seu poder não pertencia a ela, que eles lhe deram e, por conseguinte, poderiam controlar e usar quando julgassem necessário. As lembranças de todas as vezes em que ela caiu novamente emergem, diferencialmente nesse momento ela está se levantando, evidenciando seu empoderamento, inclusive indica isso na seguinte fala: “Estive lutando com um braço amarrado nas minhas costas. Mas o que acontece quando eu finalmente me liberto?”, ou seja, ela estava lutando com seus poderes sendo controlados, com a sua mente sendo manipulada, mas o que acontece quando ela não é mais dominada? O que acontece quando as mulheres se empoderam? *Capitã Marvel (2019)* também é sobre as mulheres fora das telas que muitas vezes foram condicionadas, e procura através das situações que o filme aborda representar cenários comuns a todas e inspirar de alguma forma.

Gráfico 2 – Acompanhamento anterior ao lançamento do filme

Você acompanhou as discussões anteriores ao lançamento do filme no Brasil?
501 respostas



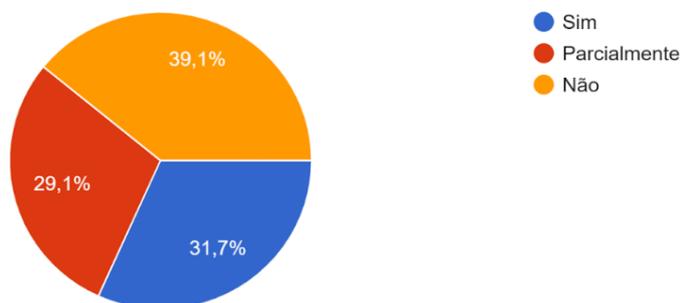
Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Interligando as motivações para compra do ingresso ao acompanhamento de discussões antes de o filme ser lançado, pode-se observar que as redes sociais e mídias digitais possuem grande relevância na escolha do filme a ser assistido, como aponta o gráfico 2. Na atualidade, quando se trata de cinema, é bem difícil alguém que não tenha tido nenhum contato anterior com o produto que consumirá. Com o avanço, principalmente, da internet e dos meios digitais, o sucesso de um filme se encontra também na campanha publicitária, nas entrevistas e ações proporcionais que o acompanham, contudo, 41,5% não acompanhou nenhum tipo de especulação sobre a produção. Essa informação foi refletida também nas respostas do gráfico 1, visto que muitos optaram por assistir a esse filme apenas pelo fato de gostarem dos filmes de heróis de Hollywood ou serem cinéfilos.

Gráfico 3 – Sentimento de representatividade

Você se sente representado/a pela heroína?

501 respostas



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

De acordo com o gráfico 3, percebe-se que a maioria dos respondentes de modo geral não se sentem representados pela heroína. Composto esse porcentual, identificamos que 154 pessoas do gênero masculino assinalaram que não se sentem representados. Os que se sentem parcialmente somam 72, e o número de homens que denota se sentir representado pela heroína foi 50. Em relação as respondentes do gênero feminino, 109 marcaram que se sentem representadas. O número de mulheres que não se sentem foi 34, e as que se sentem parcialmente foi 69.

A partir dos números constatados percebemos que a maioria das mulheres se sentem representadas pela heroína, ou parcialmente representadas, enquanto a maioria dos homens não. Dessas mulheres, a maioria é branca e heterossexual. A maior parte das mulheres pardas também se sentem representadas, o número de mulheres pretas nas 3 respostas foi muito próximo, mas, de maneira geral, percebemos que a maioria das mulheres pretas não se sentem ou se sentem parcialmente. Apesar da personagem ser construída de maneira mais humanizada, apresentando dificuldades no dia a dia por ser

mulher, a protagonista ainda reforça um padrão de beleza predominantemente branco, adentramos nessa questão mais adiante. Dos homens que se sentem representados ou parcialmente, a maioria é branca e parda, bem como heterossexual. De acordo com Sabryna Esmeraldo Sousa, antes, a representação feminina nos filmes de super-heróis

(...) reproduzia e reforçava uma categorização que colocava a mulher como submissa ao homem, de posição inferior ao homem, com habilidades em geral erroneamente ligadas ao seu gênero e mesmo roupas que evidenciavam tais características; agora essas representações fílmicas de personagens super poderosas também é reflexo das mudanças em que os filmes estão inseridos atualmente (2021, p. 28).

Segundo Sousa (2021), nesse contexto de luta pela igualdade de gêneros, vemos crescer a participação feminina nos filmes de super-heróis. “As mudanças alcançadas, como deve ser, têm reflexo nos mais diversos contextos, das relações interpessoais e profissionais às representações dessa nova dinâmica social na mídia” (Sousa, 2021, p.29). Então, é necessário ressaltar a relevância dessa representatividade para discussões acerca dos estereótipos de gênero.

O termo representação é polissêmico, possui longa tradição e uso. A teoria das representações sociais apresenta-se como tendência na psicologia social a partir dos estudos de Moscovici e vai ser aprofundada por Denise Jodelet, ainda que tenha em Durkheim seu precursor imediato no uso do conceito. A compreensão de representação por historiadores é central na obra de Chartier e sua história cultural, o mesmo faz menções a Durkheim e a Lévy-Bruhl, autores que influenciaram Moscovici. Nesse artigo centraremos nossa análise na definição de Jodelet, a qual considera que,

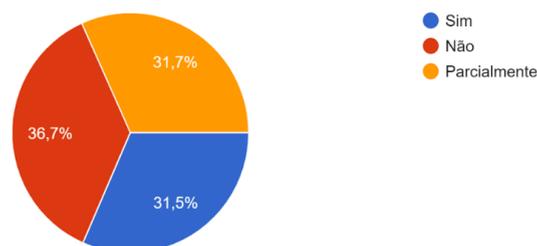
(...) as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativos e agindo na vida social. Em sua riqueza fenomênica assinalaram-se elementos diversos, os quais são às vezes estudados de maneira isolada: elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc. Mas esses elementos são sempre organizados como uma espécie de saber que diz alguma coisa sobre o estado da realidade. (...). É uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que

tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Reconhece-se, geralmente, que as representações sociais, como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Igualmente intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais (2001, p. 4-5).

O filme construiu a figura da Capitã Marvel como uma mulher empoderada, uma vez sendo piloto da USAF busca afirmar o direito da mulher de assumir diversas posições e rompe com o padrão de que determinadas atividades não são adequadas às mulheres. O longa apresenta ainda, situações na infância de Carol em que ela é repreendida por seu pai ao correr de kart com seu irmão, também considerado como “coisa de menino”. A partir do nascimento, existe uma separação entre “coisas de menino” e “coisas de menina”, a fragilidade é atribuída às mulheres, a elas se destinam atividades mais delicadas e menos esportivas, brincadeiras que remetem ao cuidado da casa e filhos. Em relação aos meninos, por sua vez, há o encorajamento para conhecer o mundo além do seu lar. Além de que, Carol Danvers também chegou aos cinemas acompanhada de uma melhor amiga, mulher negra, mãe solo de uma menina, ao invés de um par romântico.

Gráfico 4 – Identificação com a personagem principal

Você se identifica com a personalidade da personagem?
501 respostas



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Nessa questão proposta no gráfico 4, 88 respondentes do gênero feminino afirmaram que se identificam com a personalidade da protagonista, 81 parcialmente e 45 responderam que não. Dos homens respondentes, 135 assinalaram que não se identificam, 78 parcialmente e 69 marcaram que sim.

Carol Danvers apresenta um humor sarcástico, demonstra ser rebelde, corajosa, determinada, empática, comete erros e possui um temperamento forte. De acordo com Souza (2021) no que se refere à sua caracterização como heroína da história, verificou-se que a personagem não se enquadra completamente na visão do herói clássico, que é aquele ‘envolto pela moral e pela ética’, pois ela apresenta traços de rebeldia e até de irresponsabilidade, por exemplo, a personagem rouba veículos e roupas e destrói equipamentos de um bar só para demonstrar seu poder.

As situações vividas por Carol sugerem que ela, desde criança, era uma pessoa determinada, que acreditava ser capaz de vencer os desafios que se propunha a enfrentar. A narrativa mostra Carol desde criança ocupando lugares tidos como masculinos e demonstra que mesmo diante disso, a personagem não desiste de ocupar esses espaços. O poder da heroína foi utilizado para o bem coletivo, tanto quando ela resolve reparar os danos feitos pelos Kree, que desapossa os Skrull de seu lar, tornando-os refugiados, quanto para o coletivo de mulheres, enquanto uma mulher que batalhou para quebrar conceitos do patriarcado tanto individualmente, como em parceria com sua amiga Maria, ao trabalhar como pilotas da USAF. Demonstrando assim, ser uma pessoa empática e resiliente (Souza, 2021).

Na questão “você se reconhece a partir da aparência física da Capitã Marvel?”, 134 pessoas do gênero feminino responderam que não se identificam, entre elas 88 são brancas, 32 pardas, 10 pretas e 4 amarelas. As que responderam que se reconhecem parcialmente foram 53, dentre as quais 43 são brancas, 5 pardas, 3 pretas e 1 indígena. A minoria (28) assinalou que se identifica com a aparência física da heroína. Dessas, 25

são brancas, 3 pardas e nenhuma mulher é preta. Do gênero masculino, 9 responderam que se identificam, nos quais 5 são brancos, 3 pardos e 1 preto.

As características físicas da heroína ainda a enquadram nos padrões de beleza hegemônicos, uma vez que se trata de uma mulher branca, magra, com cabelos loiros e lisos. Apesar de quebrar os estereótipos das histórias em quadrinhos, ao não ter seu corpo sexualizado e erotizado, acaba por marginalizar outros corpos e outras cores.

Gráfico 5 – Afetação pelas declarações feministas da atriz que interpreta a personagem principal



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

No gráfico 5, a maior parte dos respondentes que assinalaram a opção “afetou negativamente” são do gênero masculino (15 homens), em sua maioria héteros e brancos. Para 86 homens afetou positivamente, para 180 não faz diferença. Apenas para 2 mulheres afetou negativamente, para 146 positivamente e para 66 não faz diferença. A origem dessa questão foi o fato de que, três semanas antes do lançamento de *Capitã Marvel* (2019), a página do filme no Rotten Tomatoes, um site agregador de opiniões da crítica especializada, foi bombardeada com críticas negativas dos usuários que ainda não haviam assistido ao filme, e derrubou a pontuação do longa no site para menos de 30%, o que significa que o filme é “ruim”. A maioria das críticas foram direcionadas à

atriz que interpreta a heroína, Brie Larson. O mesmo aconteceu com o filme *Pantera Negra* (2018).

A produção foi atacada com notas baixas após a declaração de Larson em entrevista à revista Marie Claire⁶: “comecei a prestar atenção em como eram os meus dias de imprensa e percebi que os críticos pareciam ser predominantemente homens brancos”. A atriz ainda completou: “decidi garantir que meus dias de imprensa sejam mais inclusivos para dar as mesmas oportunidades a todos”. Dezenas de filmes são lançados mensalmente, cada um possui suas próprias coletivas de imprensa e contato com a mídia. Conforme um estudo realizado pela USC Annenberg School for Communication and Journalism⁷, a maioria dos principais filmes são acompanhados por jornalistas brancos e do sexo masculino.

A tentativa de boicote se figura como reflexo de posturas machistas ainda muito presentes na comunidade nerd. Para eles, é um absurdo que uma mulher seja a heroína mais forte do Universo Marvel e que esse lugar não pertence a um homem. Um dos argumentos utilizados por esses “fãs” é de que a personagem é arrogante. Essa premissa parte de uma cena de Vingadores: Ultimato, onde a heroína, em conversa com a Máquina de Combate, diz que a luta contra o Thanos dessa vez será diferente, pois os Vingadores contam com o seu apoio. Um homem pode ser arrogante e isso ser interpretado como algo bom, ou pelo menos natural, mas se um comportamento similar partir de uma mulher, ela é criticada.

Ao mesmo tempo, em pesquisa recente realizada pelo Centro de Estudos da Mulher na Televisão e no Cinema, da Universidade de San Diego na Califórnia, identificou-se que uma questão de gênero ainda permanece praticamente inalterada na carreira do cinema, o papel do crítico de cinema. O segmento, segundo a pesquisa que é

⁶ Para mais informações ver: <https://www.marieclaire.co.uk/entertainment/tv-and-film/brie-larson-641750>.

⁷ Para mais informações acesse: <https://www.theguardian.com/film/2018/jun/11/film-critics-white-and-male-study-rotten-tomatoes>.

realizada continuamente desde 2007, apontou um crescimento entre 2016 e 2020 para a atuação de críticas de cinema mulheres, mas voltou a estagnar e atualmente aponta mais de 70% de críticos masculinos. A diretora do estudo e principal pesquisadora Martha Lauzen, enfatiza que: em média, as mulheres conferem melhores classificações em filmes cujas protagonistas sejam personagens não masculinos. Os homens ao exercerem o papel da crítica destoam muito em personagens femininas e isso pode causar um impacto muito grande na audiência e diretamente na indústria.

A equipe de pesquisa do Center for the Study of Women in Television and Filme (San Diego State University), divulgou em 2022 um balanço interessante intitulado “Thumbs Down: Film Critics and Gender, and hy it Matters”⁸. De acordo com o estudo:

Os revisores do sexo masculino superaram as mulheres em todos os tipos de mídia considerados. Os homens representavam 86% (85,7%) e as mulheres 14% (14,3%) dos que escreviam para programas e sites de rádio e TV. Os homens representavam 78% (77,8%) e as mulheres 22% (22,2%) dos que escreviam para publicações e sites de interesse geral. Os homens representavam 71% (71,2%) e as mulheres 29% (28,8%) das resenhas de publicações e sites de filmes e entretenimento. Os homens representavam 69% (69,4%) e as mulheres 31% (30,6%) das resenhas de jornais e sites de notícias. Homens representavam 53% (52,6%), mulheres 42% (42,1%) e indivíduos não-binários 5% (5,3%) daqueles que escrevem para publicações comerciais (tradução nossa) (Lauzen, 2022, p. 5).

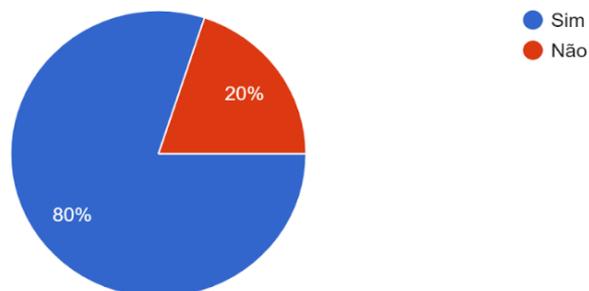
A pesquisa não trata diretamente da representatividade das críticas em relação aos filmes de heróis protagonizados por mulheres, porém, uma vez analisado os dados acima mencionados não podemos deixar de nos preocupar como as primeiras impressões de uma crítica masculina podem incentivar comportamentos machistas em relação a recepção. A autora ainda destaca que: “Homens escreveram 74% e mulheres 26% das críticas para filmes de ficção científica. Os homens escreveram 74% e as mulheres 26% das resenhas de filmes de animação.” (Lauzen, 2022, p. 11). Entendemos

⁸ Em tradução livre: Polegares para baixo: crítica de cinema e gênero e porque isso importa. Martha M. Lauzen, Ph.D. <https://womenintvfilm.sdsu.edu/wp-content/uploads/2022/05/2022-Thumbs-Down-Report.pdf>

que o filme Capitã Marvel fez parte desse universo estatístico analisado pelo Centro de Estudos e que essas críticas masculinizadas não só interferem na recepção de determinados filmes, mas interferem também na continuidade de produções com protagonismo feminino, incidindo diretamente na representatividade feminina nesses espaços.

Gráfico 6 – Considera-se feminista?

Você se considera feminista ou é favorável ao feminismo?
501 respostas



Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Com essa questão expressa no gráfico 6 se percebe que entre os respondentes, 204 são do gênero masculino e se consideram feminista ou favoráveis ao feminismo, e 78 assinalou o contrário. Em relação às mulheres, 21 não são favoráveis e 193 assinalaram serem feministas ou favoráveis. O feminismo é definido pela autora Carla Cristina Garcia, como,

(...) a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações das sociedades que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social (2015, p.13).

O feminismo no Brasil, segundo Costa (2005), após um pequeno período de relativa desmobilização, ressurgiu no contexto dos movimentos contestatórios dos anos 1960. A autora afirma que, no Brasil, assim como em vários países da América Latina, a partir do direito do voto, começa a acompanhar a tendência ocorrida nos Estados Unidos e na Europa. Nesse primeiro momento, a luta se refere mais ao questionamento da divisão sexual dos papéis de gênero.

A segunda onda do feminismo na América Latina nasceu nos anos 1970, surge como consequência da resistência das mulheres à ditadura militar. Costa ainda aponta que nos anos seguintes os movimentos ampliaram-se, incluindo por exemplo, a luta dos negros e homossexuais. A partir de 1980 as mulheres adentraram também na política, buscando uma legislação mais igualitária (Costa, 2005).

Independentemente de algumas conquistas, a década de 1990 se inicia em uma situação de fragilidade dos organismos de governo para mulheres, bloqueados pelo clima conservador dominante no Estado e o descrédito no movimento autônomo. Em 2000 as mulheres estavam lutando por uma política de Estado, para que suas demandas fossem atendidas (Costa, 2005).

A cada vitória, novas demandas e novos enfrentamentos surgem e são levados a efeito. Observa-se assim que o feminismo está longe de ser um consenso na sociedade brasileira, pois ainda enfrenta resistências culturais e políticas. A partir dos dados alcançados, por se tratar de um público jovem e adulto, em sua maioria universitários, provavelmente já possuíram algum contato com esse debate, até mesmo através das redes sociais, podendo explicar 80% dos respondentes serem feminista ou favorável ao feminismo.

Também foi questionada a importância da representatividade de mulheres no cinema para as crianças. Contudo, podemos observar que as pessoas que consideram “nenhuma” a importância, são todos homens, em sua maioria héteros, ou não quiseram informar sua real identidade de gênero. Para essa filtragem de dados selecionamos todas

as respostas que continham “nenhuma” em seu corpo, devido ao volume considerável de respostas apresentamos apenas alguns exemplos:

Tabela 1 - Relevância para as gerações mais jovens e para a infância - Respostas Negativas

Qual a relevância de crianças crescerem assistindo filmes, séries, desenhos animados de super-heróis que são protagonizados por mulheres?	Qual seu gênero/identidade de gênero?
Menos que nenhuma.	Homem transgênero
Relevância nenhuma a criança assiste aquilo que ela gosta de assistir	Masculino
Nenhuma, não é sobre qual o gênero do protagonista, mas sim sobre o que se trata	Masculino
Nenhuma, desde que ele entenda que é todo mundo igual e que não tem que levar esse tipo de coisa em consideração	Masculino
Nenhuma.	Masculino
Nenhuma. Esse fato é irrelevante.	Masculino
Nenhuma não é o gênero que vai definir como a criança vai ser, sim a criação e as motivação é apresentada a ela, se o "ponto" de referência for homem ou mulher, mas a motivação deles como exemplo for bons, estes personagens sendo carismático vão induzir as crianças a serem melhores.	Masculino

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Ao filtrar pelas que se identificam como gênero feminino, as mulheres responderam que essa representatividade é sim de grande importância. Dado a grande quantidade de respostas, selecionamos apenas algumas:

Tabela 2 - Relevância para as gerações mais jovens e para a infância - Respostas Positivas.

Qual a relevância de crianças crescerem assistindo filmes, séries, desenhos animados de super-heróis que são protagonizados por mulheres?	Qual seu gênero/identidade de gênero?
Apresentar personagens femininas fortes para mostrar que mulheres podem ocupar locais de poder	Feminino
O impacto que um filme como esse gera é enorme. Os meninos desde sempre ganham brinquedos de heróis, enquanto as meninas ganham princesas, eles se inspiram e se enxergam nesses heróis e agora as meninas também podem se enxergar como heroínas, se inspirando em personagens fortes e donas de si.	Feminino
Acredito como professora que é de extrema importância que crianças, tanto meninas como meninos vejam filmes em que mulheres são protagonistas de histórias (de qualquer gênero cinematográfico), crescer vendo que as mulheres são protagonistas de suas próprias histórias, que podem cada uma pode ser quem quiser, que seu gênero, sexualidade, raça não define posições sociais, ocupacionais, trabalhistas é fundamental para que possamos caminhar na construção de uma sociedade mais livre.	Feminino
Muito importante, mostra para as crianças, principalmente para as meninas, que elas podem ser o que quiserem ser, ao contrário do que ocorreu com nossas mães e avós que eram o que era imposto a elas serem.	Feminino
É necessário naturalizar a diversidade e grupos ditos inferiores em posições de poder para q as crianças pertencentes as esses grupos cresçam sabendo q é possível chegar lá, e para aquelas q não são desses grupos saibam lidar com uma mulher negra lésbica como sua chefe, por exemplo	Feminino
Fundamental, para ajudar a quebrar os padrões engessados em que mulheres e homens tem papéis pré-definidos por questões biológicas.	Feminino
Para evoluirmos na questão de gênero é importante desconstruir o discurso patriarcal em todas as instâncias, em todos os momentos da vida, desde a infância. Mulheres nesses papéis ajudam a consolidar uma visão de mundo onde mulheres e homens são equivalentes.	Feminino

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Em uma análise sintética, fica perceptível através das tabelas apresentadas que a representatividade feminina em todos os espaços, inclusive no cinema, ainda é uma luta quase que exclusivamente feminina. Embora os papéis de gênero tenham sofrido constantes evoluções, o machismo ainda é um fator muito presente. A maioria das respostas cujos autores se identificaram como gênero masculino não validaram a representatividade feminina como fator positivo na formação de crianças e jovens a

médio e a longo prazo. Seria interessante entender se essa recusa se estende a outras questões como raça e classe, porém, não fez parte do escopo em que pesquisamos.

Considerações Finais

Através dos dados analisados, conclui-se que falta uma abertura ao conhecimento sobre a importância dos movimentos feministas para a sociedade, visto que muitos homens ainda não conseguem entender o quanto essa representatividade feminina no cinema pode influenciar as crianças e suas motivações relativas ao seu papel social como ser humano. Contudo, muitos dos que não veem relevância na presença feminina como fator de influência para o aprendizado das crianças dizem dar maior valor ao desenvolvimento da história e não ao gênero da protagonista.

É certo que existem sujeitos do sexo masculino que entendem e reflexionam em um processo de empatia, educando-se e promovendo, ainda que timidamente uma mentalidade para a equidade de gênero, mas essa situação ainda é longe do mínimo ideal. As mulheres que participaram do questionário frisam a necessidade da manutenção de “mulheres fortes e empoderadas” protagonizando filmes, peças de teatro, novelas, shows televisivos, etc., pois, percebem que essa representatividade é motivadora e auxilia a construção de um ideal feminista.

A indústria cinematográfica acompanha as mudanças ocorridas no mundo, à medida que o movimento feminista ganha voz, aumenta também o número de mulheres no cinema e a forma como são representadas. A heroína Carol Danvers veio como uma representação feminina em um universo majoritariamente masculino. Isso é importante para que as meninas tenham outras referências e para os meninos também, uma vez que saem de histórias centradas sempre na força do homem e na submissão da mulher.

Por fim, entendemos que o filme estudado tem uma importância, ainda que pequena, por ser o primeiro da categoria, na desconstrução dos estereótipos de gênero,

que oprimem e afetam as relações no mundo em que vivemos. Que a sororidade parece ser um traço constante nas respostas femininas, mesmo que ainda não tão bem articulada como deveria e que os papéis sociais estão sendo cada vez mais tencionados com o propósito de desarticular o machismo e promover uma educação que não tenha como base sólida o patriarcado. Que o cinema possa ser uma instituição que não perpetue o machismo, a misoginia e a violência de gênero, que seja possível através da sétima arte, aprender, partilhar e perceber que os melhores caminhos para o mundo são o diálogo, o respeito e a promoção da dignidade humana.

Referências

- AZEVEDO, Miri Ana Batista; SERPA, Nara Cavalcante. Poder e o empoderamento feminino. **Open Science Research IX**, v. 9, 2022, p. 1168-1188. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/221211315.pdf>. Acesso em: 28.03.2023.
- COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista gênero**, v. 5, n.2 (2005), p. 1.-20. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31137>. Acesso em: 08.03.2023.
- CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Revista Evidência**, v. 7, n. 7, 2012. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf. Acesso em: 26.02.2023.
- CAPTEIN Marvel. Direção de Anna Boden e Ryan Fleck. EUA WALT DISNEY STUDIOS MOTION PICTURES, 2019. 1 DVD (128m).
- FLICK, Uwe. A pesquisa qualitativa online: a utilização da Internet. In: **Introdução a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 238 - 253.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.
- JODELET, Denise. **Representações Sociais: um domínio em expansão**. Eduerj: Rio de Janeiro, 2001.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LAUZEN, Martha M. Thumbs down 2022: Film Critics and Gender, and Why It Matters. **Center for the Study of Women in Television and Film**, San Diego State University, 2022. Disponível em: <https://womenintvfilm.sdsu.edu/wp-content/uploads/2022/05/2022-Thumbs-Down-Report.pdf>. Acesso em 06.04.2023.

- MACHADO, Liliane Maria Macedo. **E a mídia criou a mulher: como a TV e o cinema constroem o sistema de sexo/gênero.** Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3409/1/Liliane%20MariaMacedo%20Machado.pdf>. Acesso em: 18.03.2023.
- MENDES, Mônica Vitória; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Protagonismo feminino em desenhos animados: Gênero e representações no entretenimento audiovisual. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 12, n. 2, p. 125-144, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/10065/8498>. Acesso em: 14.02.2023.
- MENDES, Mônica Vitória dos Santos. **A construção das imagens que nos constroem: marcas de gênero no corpo feminino representado em desenhos animados.** XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0706-1.pdf>. Acesso em: 04.04.2023.
- MELO, Waisenhowerk Vieira de; BIANCHI, Cristina dos Santos. Discutindo estratégias para a construção de questionários como ferramenta de pesquisa. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 8, n. 3, 2015. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/8002/a3b1fd9d90b30fe6bbc9436f427474490ef6.pdf>. Acesso em: 02.04.2023.
- SARDENBERG, Maria Bacellar Cecilia. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v.11 n.2, p. 15-29, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4106>. Acesso em: 29.02.2023.
- SILVA, Marcelle Ivie da Costa; BÓGUS, Lucia. Empoderamento feminino: conceitos e debates em torno da popularização do tema. In: CHAIA, Vera; BÓGUS, Lucia; MAGALHÃES, Luís Felipe Aires (Orgs.). **Ciências Sociais Contemporâneas: objetos de pesquisa.** São Paulo: EDUC, 2021, p. 335-354.
- SOUZA, Juliana Pieve de. **Protagonismo e empoderamento feminino nos filmes de super-heroínas: uma análise dos filmes "Mulher-Maravilha" e "Capitã Marvel".** (Mestrado em Estudos do Lazer) - em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/39926/1/Disserta%20a7%20a3o%20Juliana%20Pieve%20Protagonismo%20e%20empoderamento%20feminino%20nos%20filmes%20de%20super-hero%20adna s.pdf>. Acesso em: 15.03.2023.
- SOUSA, Esmeraldo Sabryna. **Feminismo no cinema? Uma análise da representação da figura da mulher nos filmes de super-heróis.** Dissertação (Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura) - Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Portugal, 2021. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/79514>. Acesso em: 03.04.2023.

The Female Representation in Captain Marvel (2019):
a case study based on opinion survey

Abstract: From the 1990s onwards, a growing number of films, cartoons and comics, whose central characters are female, feature determined, strong women, sometimes endowed with extraordinary powers. Despite this, the representation of women also contemplates other stereotypes, such as those that involve romances and lead to scenes involving conquests and suffering, characterized by the union between the heroine and the heartthrob. The film *Captain Marvel* (2019) seeks to break with this scenario, by presenting a character with a strong and questioning personality, who does not necessarily seek a relationship. This article sought to analyze the representations of the

heroine Captain Marvel for the general public, through an exploratory research of a quantitative and qualitative nature, through the application of an online questionnaire, published on social networks to propagate the research and reach participants. We consider cinema an institution that has the ability to perpetuate or break with gender patterns, as it uses images as representations. That said, we point out the film *Captain Marvel* (2019), as an important female representative of women's roles in cinema and in the fight for gender equality.

Keywords: Captain Marvel; Feminism; Social Representation.

Recebido: 16/05/2023

Aceito: 28/09/2023